



## A CIDADE VISTA DO LADO DE LÁ: O TURISMO COMO POTENCIALIZADOR DA IMAGEM DO RACISMO EM PETRÓPOLIS – RIO DE JANEIRO

Wanderson Freitas França<sup>1</sup>  
Guilherme Augusto Pereira Malta<sup>2</sup>

### RESUMO

A tessitura deste texto tem por objetivo fazer uma discussão acerca do embranquecimento interpretativo da paisagem no circuito histórico turístico de Petrópolis, cidade histórica situada na região serrana do estado do Rio de Janeiro. Amparados por uma tríade interpretativa (paisagem – patrimônio – placas autoguiadas) busca-se compreender de que forma essa base utilizada por turistas e moradores media e constrói uma percepção racista por esses elementos. Dessa forma, essa análise está guiada sobre um enfoque da paisagem cultural entrelaçada com o pensamento Decolonial que nos possibilitou averiguar como a colonialidade opera, objetiva e subjetivamente, no apagamento intencional da memória negra na cidade. Assim, atravessado pelas vivências no espaço urbano supracitado em conjunto com a análise paisagística de outra escala, da periferia para o centro, me possibilitou concluir como símbolos de uma narrativa racista foram sendo consolidados ao longo do tempo.

**Palavras-chave:** Paisagem Cultural, Turismo Cultural, Pensamento Decolonial, Racismo Estrutural, Petrópolis.

### RESUMEN

La construcción de este texto pretende discutir el blanqueamiento interpretativo del paisaje en el circuito turístico histórico de Petrópolis, una ciudad histórica situada en la región montañosa del estado del Rio de Janeiro. Con el apoyo de una tríada interpretativa (paisaje - patrimonio - señalización autoguiada) buscamos entender cómo esta base utilizada por turistas y residentes mediatiza y construye una percepción racista de estos elementos. Así, este análisis se guía por un enfoque de paisaje cultural entrelazado con el pensamiento Decolonial que nos permitió investigar cómo la colonialidad opera, objetiva y subjetivamente, en el borrado intencional de la memoria negra en la ciudad. Así, el cruce de las experiencias en el mencionado espacio urbano junto con el análisis del paisaje a otra escala, de la periferia al centro, me permitió concluir cómo se consolidaron los símbolos de una narrativa racista a lo largo del tiempo.

**Palabras-clave:** Paisaje cultural, turismo cultural, pensamiento decolonial, racismo estructural, Petrópolis.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Geografia pelo programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora – MG, [wander\\_014@hotmail.com](mailto:wander_014@hotmail.com);

<sup>2</sup> Doutor em Geografia na Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG. Professor vinculado ao Departamento de Turismo e ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG), [guilherme.malta@gmail.com](mailto:guilherme.malta@gmail.com)



## INTRODUÇÃO

A tessitura deste texto é fruto de um trabalho maior que está em curso no âmbito da pesquisa em nível de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora. Dessa forma, ao longo da investigação intitulada **Entre a Memória e o Esquecimento: os monumentos na construção da identidade de Petrópolis-RJ** surgiram reflexões sobre a forma como o turismo vem sendo promovido no município, onde indaga-se: Qual é o papel do turismo na promoção de uma paisagem racista em Petrópolis ao ocultar as referências culturais negras que contribuíram com a formação sociocultural e socioespacial da cidade? Por qual motivo a cultura negra aparece muito pouco ou quando aparece nas narrativas presentes no circuito histórico é sempre de forma genérica, remetendo-se apenas ao período da escravidão, ou como plateia de um protagonismo branco? Quais narrativas predominam nas paisagens históricas direcionadas aos turistas e moradores em Petrópolis?

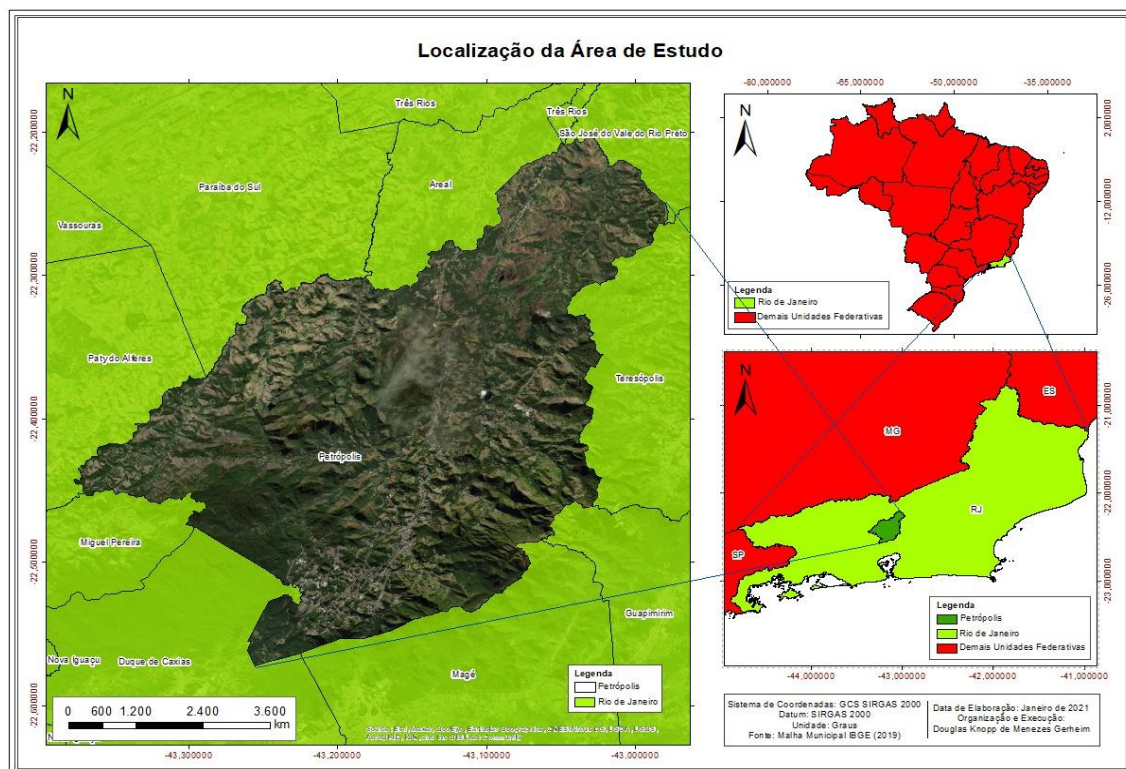
Petrópolis é uma cidade histórica com 185 anos de existência, localizada na região serrana do estado do Rio de Janeiro (Figura 1). Fundada pelo decreto Imperial de Nº 155 de 16 de março de 1843, a mando de d. Pedro II, foi construída com o objetivo de servir como uma extensão administrativa da cidade do Rio de Janeiro (AMBROZIO, 2008). Dessa forma, por meio de políticas de imigração, a partir de 1845, o Estado-imperial atraiu inúmeros colonos europeus (ingleses, italianos, franceses, portugueses e em maiores proporções alemães) para ampliar sua povoação.

Assim, por meio desse passado “mágico” constituído entre a memória do “imperial” e dos “colonos europeus” Petrópolis se tornou na atualidade como uma das cidades turísticas mais visitadas do Brasil. Sua narrativa histórica se estruturou diante desse cenário onde elementos culturais de uma sociedade branca, eurocêntrica e elitista foi imposta, promovendo uma homogeneização cultural local. Contudo, suas paisagens nos chamam a atenção pela contradição existente entre a narrativa interpretada em primeiro momento nos símbolos, que são comercializadas pelo turismo, dos espaços públicos e pela imponência dos monumentos em seu centro histórico, em contrapartida dos bairros periféricos, compostos por uma população majoritariamente negra.

Diante dessa lacuna apreendida na paisagem, por meio de idas e vindas ao centro histórico (Figura 2), experimentamos uma cidade diferente dessa centralidade eurocêntrica inventada. Da periferia para o centro, conforme nos elucidam Gonzalez

(1983) e Nascimento (2006) é inegável que o lugar que nos situamos, enquanto negros experimentando uma cidade embranquecida, nos coloca em uma reflexão profunda. Estamos falando aqui de como o racismo ainda se perpetua e incide sobre nossas apreensões, levando em consideração os elementos da paisagem. Dessa forma, nosso pensamento aqui está alicerçado na Geografia Cultural e pensamento Decolonial.

**Figura 1-** Mapa de localização da cidade de Petrópolis – Rio de Janeiro



Fonte: GERHEIM, Douglas de Menezes Knopp. (2021)

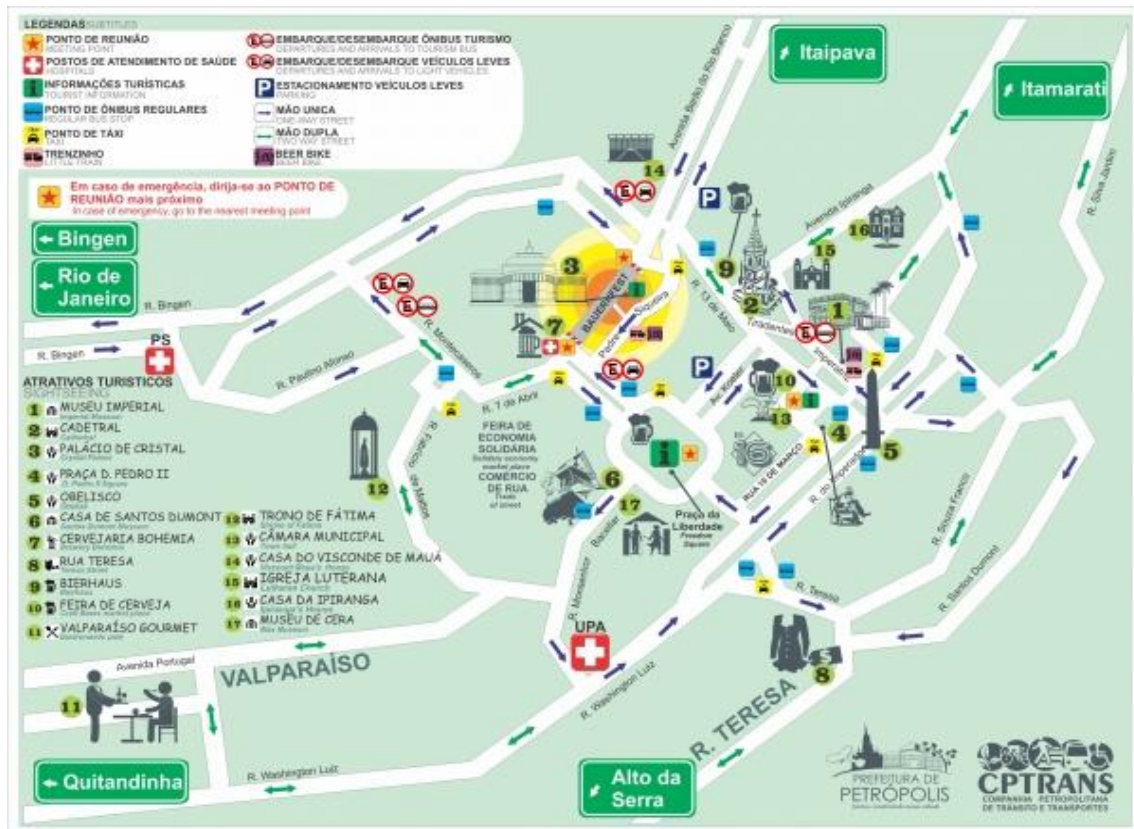
Por esses caminhos percebemos uma complexidade de vivências, povos e culturas que se entrelaçam tecendo embates e tramas territoriais conforme nos direcionam Corrêa (1995), Bonnemaïson (2002), Lacerda (2005) e Almeida (2013). Amparados por isso, apreendemos uma paisagem em contradição, onde uma estrutura embranquecedora nos impõe territorialmente signos de uma sociedade racista. Somos empurrados em uma narrativa histórica que não é suficiente para apreender a totalidade da qual a negritude está circunscrita.

Mas de onde parte essa contradição? Averiguamos que ao longo do tempo, antes da edificação da cidade em 1843, o espaço que deu origem a cidade era formado por inúmeras fazendas, divididas pelo sistema das sesmarias, que desenvolviam práticas



agrícolas onde milhares de homens negros e mulheres negras eram mantidos(as) em regime de escravização (AMBROZIO, 2008). Concomitantemente, vários quilombos se formaram onde a população negra buscava reproduzir suas vidas em regime de liberdade por meio de fugas individuais ou coletivas. Como resultado, temos uma cidade que nasce marcada pela resistência negra antes mesmo da colisão branca, mas que diante da colonialidade é apagada da história da formação socioespacial e sociocultural, colocando em protagonismo a cultura da branquitude como nos expõe estudos de Ambrozio (2008), Dias (2016) e Aquino (2018).

**Figura 2** – Mapa turístico de localização do centro histórico de Petrópolis



Fonte: Companhia Petropolitana de Trânsito e Transporte (CPTRANS).

Sendo assim, Quijano (1998), Castro-Gomes e Grosfogel (2007), Grosfogel (2008) e Silva (2020) nos orientam que a colonialidade é compreendida como a continuação da exploração, por meio de estruturas objetivas e subjetivas, dos colonizadores sobre a América Latina mesmo após a independência de seus territórios. Consoante, hierarquizações étnico-raciais foram criadas ao longo da colonização para



impulsionar um modelo de sociedade desigualmente inventado para privilegiar a cultura branca invasora (QUIJANO, 1998).

Desta forma, o centro histórico tombado e patrimonializado de Petrópolis amplamente embranquecido não pode ser visto apenas como uma “simples coincidência” diante de uma cidade negra que é empobrecida e empurrada para as periferias (QUIJANO, 1998; AQUINO, 2018). Essa estrutura racista é a base para impulsionar uma narrativa que é utilizada no planejamento do turismo local, sendo responsável pela tríade interpretativa **paisagem - patrimônio - placas autoguiadas** utilizada por turistas e moradores na apreensão da paisagem.

Nesse aspecto, o objetivo dessa reflexão foi dialogar de que forma o turismo, enquanto fenômeno criador de uma (des)ordem espacial, é um potencializador do racismo na cidade de Petrópolis quando usa, de forma intencional, apenas a narrativa histórica dos colonos brancos ou da ideia de cidade “imperial” para promover uma visão homogeneizadora da cultura e identidade coletiva local/nacional.

Assim, a relevância deste trabalho se justifica pela falta de estudos que caracterizem a forma como o turismo na cidade vem sendo promovido ao adotar a falácia de história única, dentro do seu circuito histórico, apagando intencionalmente a memória negra. Neste sentido, o turismo pode ser considerado um dos atributos que auxilia na invisibilização de outras culturas, caracterizando essa atividade econômica, conforme sua reprodução na atualidade, como uma prática racista.

## **METODOLOGIA**

Diante do exposto para execução do presente estudo, os procedimentos metodológicos adotados foram de caráter qualitativo. Segundo Chizzotti (2003) é evidente a importância de se desenvolver ciência por meio dessa percepção. O autor salienta ainda que o “pesquisador assume uma posição empática com o ambiente” e que “as pessoas e os problemas que aborda, confiante de que a descrição dos problemas identificados é, também, o meio tanto de revelação quanto de solução desses problemas sociais.” (CHIZZOTTI, 2003, p.226). Dessa forma, o lugar que nos situamos enquanto negros, refletindo e colocando em movimento nossas experiências vividas no espaço urbano de Petrópolis, permitiu compreender de maneira mais ampla os problemas de ordem socioculturais e socioeconômicos.



Também nos utilizamos de pesquisa bibliográfica sobre a temática de investigação, considerando os seguintes conceitos: paisagem cultural, turismo cultural, colonialidade, racismo, racismo estrutural, formação socioespacial, formação sociocultural e história de Petrópolis. Dessa forma, para o enfoque de estudos locais destacamos as teses de Ambrozio (2008) e Aquino (2018) e a dissertação de Dias (2016) que deram uma base de grande importância no desenvolvimento do presente estudo. Também buscamos informações disponíveis nos sites de órgãos oficiais como da Secretaria Municipal de Turismo (TURISPETRO), Prefeitura Municipal de Petrópolis e no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Assim, essa base foi utilizada na pesquisa em campo que percorreu todos os quarenta e cinco pontos do circuito histórico autoguiado do centro histórico. Feito isso, buscamos fazer um recorte para o presente artigo selecionando quatro deles onde foi realizado o registro fotográfico das placas, bem como a transcrição dos textos e a sistematização buscando a relação paisagem – patrimônio – placas autoguiadas. Levamos em consideração nessa escolha geossímbolos relacionados com patrimônios (monumentos e espaços públicos) que possuem vínculo direto com a memória negra local. A síntese dessas análises permitiu criar uma tabela onde foi organizado os dados apresentando na sequência: nome dos patrimônios tombados, transcrição dos textos das placas do circuito histórico autoguiado, palavras-chaves identificadas e indução de interpretações racista da paisagem relacionando empiria nos espaços tombados mais a leitura dos textos das placas autoguiadas.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Nessas andanças da vida uma pausa sempre é feita para observar a paisagem de algum lugar. Não é apenas olhar por olhar, mas sim procurar entender o mundo à nossa volta em pluralidades de concepções, de vivências, de culturas, etc. Estamos permeados de subjetividades, do ser negro, ser mulher, do ser interiorano, do ser rural, do ser sertanejo, do ser LGBTQIA+, esses baratos todos que a modernidade costuma nos rotular. Conseqüentemente, a paisagem nos possibilita compreender o espaço à nossa volta buscando “relações entre a natureza, cultura e indivíduo, em toda sua complexidade” (ALMEIDA, 2013, p. 422). Refletir sobre a complexidade dessas relações coloca em inegável evidência as diversas culturas que permeiam o espaço, como se organizam e como se colocam territorialmente.



Nessa mesma lógica busca-se compreender aqui a paisagem desse espaço como resultado de uma cultura dinâmica que se altera ao longo do tempo expondo suas formas e projeções simbólicas (CORRÊA, 1995). Ou seja, não apreendemos somente aquilo que está ao alcance dos olhos, mas também em detrimento de imposições de territórios, símbolos e ideias que invadem nossas subjetividades e permeiam nossas identidades (BONNEMAISON, 2002).

Nessa perspectiva, a referência cultural que utilizamos para nos guiar socialmente parte, em sua grande maioria, de um pensamento eurocêntrico. Obviamente não escolhemos, sendo uma imposição cultural desde a época que os “descobridores” colocaram os pés nessas terras. Assim, a concepção de paisagem que utilizamos aqui para tecer nosso pensamento é periférica e negra que nos transporta para outra escala, para outros lugares e outras vivências. Por essa escala de análise é possível confrontar crenças e valores que são impostos a nós a todo o momento, permitindo que aflore outras subjetividades, que por sua vez, já se encontram presentes na paisagem (LACERDA, 2005). Isso nos revela lacunas que precisam ser problematizadas e sistematizadas evidenciando amarras racistas as quais, nós negros e negras, estamos inseridos.

Dessa forma, a transa com a paisagem de Petrópolis é um fator importante a ser mencionado aqui. Gostaria de esclarecer que quando nos referimos a transa estamos falando das trocas com ela, nas marcas que ela nos deixa, mas, também, da nossa tentativa de deixar marcas nela (GONZALEZ, 1983). Nesse embalo todo vamos sacando a jogada dela, na forma como ela vai nos conduzindo em seu ritmo, se “neguin bobear” perde até o sentido de quem é pra ser o que ela deseja, o que ela projeta em você.

Por meio disso, percebemos que existe uma grande lacuna entre a história induzida por ela, que representa o passado “oficial” da cidade, impondo territorialidades, induzindo uma memória coletiva e, a que é, de fato, verificada pelas nossas vivências com o urbano (HAESBAERT, 2013). Ou seja, de um lado temos a paisagem de um centro histórico tombado e patrimonializado, incitando a cultura do branco eurocêntrico, do lado de lá, na outra margem dessa paisagem, que é onde eu moro, percebo uma grande população negra periferizada e empobrecida.

Concordamos nesse texto que várias cidades brasileiras nascem negras, contudo, diante do passado colonial todos os elementos e atributos culturais dos povos



negros foram descaracterizados e apagados da memória nacional (DIAS, 2016; AQUINO, 2018). Conseqüentemente, percebemos a colonialidade nas reproduções culturais em Petrópolis, apagando os negros e negras da história e do protagonismo de formação socioespacial e sociocultural que revela lacunas na paisagem, colocando em evidência o branco, o ser “imperial”, o ser “europeu” em um território que historicamente sempre partiu da pluralidade de vivências que se relaciona diretamente com os povos originários e povos negros sequestrados da África e inseridos na América Latina pelo colonizador invasor.

Assim, a colonialidade pode ser elucidada, conforme Grosfoguel (2008, p.126) nos orienta, como “a continuidade das formas coloniais de dominação após o fim das administrações coloniais, produzidas pelas culturas coloniais e pelas estruturas do sistema-mundo capitalista moderno/colonial”. Se encontra em diversos âmbitos da vida humana, desde o passado até os dias atuais.

Dessa forma, está presente “na subjetividade, no trabalho, no currículo, na escola e etc.” (SILVA, 2020, p.71). Concordamos aqui que também está na patrimonialização de lugares e monumentos, na escolha de elementos paisagísticos, na escolha da história contada que projeta a memória coletiva e no planejamento do turismo em Petrópolis.

Castro-Gomés e Grosfoguel (2007, p. 13) reforçam que a independência dos países latinos não foi suficiente para desatar as amarras que os colonizadores europeus colocaram sobre nós e reforça que “así como la jerarquización étnico-racial de las poblaciones, formada durante varios siglos de expansión colonial europea, no se transformó significativamente con el fin del colonialismo y la formación de los Estados-nación en la periferia<sup>3</sup>”. Pelo contrário, percebemos que na atualidade essa visão hegemônica permeia nossas construções identitárias, se enraízam em nossas subjetividades e fazem dessa forma reféns de um pensamento embranquecido. Isso também não seria mais uma das formas de escravização?

Conforme nos elucidada (Lacerda, 2005, p.44) a paisagem nos permite compreender várias dinâmicas que se sobrepõem e afirma que “sob o ponto de vista do turístico, a construção de um discurso sobre a paisagem é essencial para torná-la

---

<sup>3</sup> “assim como a hierarquização étnico-racial das populações, formada durante vários séculos de expansão colonial europeia, não se transformaram significativamente com o fim do colonialismo e a formação de Estados-nacionais na periferia (tradução nossa).”





atrativa, assim o discurso assume o papel de mediador do processo comunicativo, capaz de unir as esferas educativa/informativa e estética”.

Posto isto, é aí que entra a sacada do circuito turístico que leva em consideração esse passado “mágico”, que projeta informações que complementam nossa interpretação paisagística, que tenta a todo o momento nos embranquecer. E se deixar num piscar de olhos estamos todos bem branquinhos! Sobre a formação urbana de Petrópolis, analisamos que o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) deu início ao tombamento do centro histórico da cidade em 1964 sendo estendida a sua patrimonialização em 1962 e 1980. Entendemos então que, em seu tombamento não é considerado outros elementos culturais para além da visão imperial ou dos colonos europeus.

Dessa forma, nas informações públicas disponíveis no site do IPHAN sobre a cidade analisamos que uma minoria dos atributos paisagísticos negros foi tombada nesse período. Como se isso não fosse suficiente, esses poucos ainda são tratados de forma genérica remetendo-se apenas como escravos/ex-escravos ou reduzindo a sua importância histórica como plateia de um “protagonista branco”. Deve ser porque negro nessa época não existia não. A gente some da história e da formação urbana e cultural igual à mula sem cabeça, aí de repente, a terra abre e a gente brota magicamente, e eles insistem: **Petrópolis, cidade imperial!** Tudo quanto é morro nessa cidade é preto e cá estamos nós, na cidade vista do lado de lá (Figura 3).

É por meio dessa base de patrimônio tombado pelo IPHAN que todo o planejamento turístico se organiza. Como destaca Almeida (2003, p.11) sobre a prática do turismo onde ele “revela-se como campo propício para reprodução e a consolidação dos valores e interesses de grupos capitalistas privados e do Estado”. Assim, podemos concluir que a classe hegemônica, essa mesma que está à frente da criação das instituições que escolhe o que é ou não é cultura, essa mesma que está a frente da patrimonialização, essa mesma que simplesmente finge que as negritudes não existiram no tempo passado e que ainda não existem no tempo presente que reproduzem seus valores no circuito histórico, onde, podemos considerá-los racistas diante da herança da colonialidade.

Conforme nos elucidam Alvarado-Sizzo e López-Lopez (2018) o patrimônio cultural é um dos maiores atrativos dentro da prática do turismo. Dessa forma, a busca pelos turistas se projeta sobre um imaginário coletivo. Assim, indagamos: qual é a



imagem e imaginário coletivo que Petrópolis projeta para os turistas e moradores? Podemos perceber que por intermédio dessa memória coletiva que o turista busca na cidade é a imagem vendida, a imagem do "imperial", do "colono europeu" da experiência de umas "europas" na América Latina (HALBWACHS, 1990).

**Figura 3** – Vistas dos bairros Cascatinha e Nova Cascatinha em Petrópolis-RJ



Fonte: Arquivo pessoal do autor. Dezembro/2020

Dessa forma, não é somente a cultura local que se reproduz racista, ela projeta na paisagem a sua imagem, vendendo essa experiência "fantástica" que se materializando em símbolos territoriais consumidos pelos turistas. Não podemos deixar de destacar que desde as políticas de tombamento, preservação do patrimônio cultural, organização dos espaços públicos e o conjunto de planejamento do circuito turístico local acabam por servir como imagens de controle impondo padrões culturais de comportamentos para os petropolitanos não brancos e turistas (BUENO, 2019).

Obviamente isso responde como o racismo se estrutura no Brasil nas minúcias do nosso cotidiano. O problema da questão até aqui não seria a forma como nossa sociedade se reproduziu no passado, mas sim como no tempo presente analisamos esses processos socioculturais, como contamos as histórias por uma perspectiva única, como reproduzimos e como reconhecemos que mesmo esses valores sendo racistas no passado somos coniventes com eles no tempo presente. Coincidência? Com toda certeza não!



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A paisagem é texto que interpretamos. Forjamos nossas memórias em lugares e guardamos as paisagens desses lugares em nossas memórias (HALBWACHS, 1990). Na parede da memória carregamos símbolos, testemunhos, territórios, marcas (BERQUE, 1998), cheiros, sabores, texturas, melodias e horizontes observáveis que são utilizados constantemente (ALMEIDA, 2013), objetiva e subjetivamente, para comprovar ou refutar ideias e pensamentos que permeiam o espaço à nossa volta. Dessa forma, a paisagem é uma trama tecida fio a fio pelas nossas vivências sobre o espaço compondo um painel amplo que envolve a cultura, identidades e subjetividades que carregamos como viajantes nesse mundo (CORRÊA, 1995).

Cientes disso, levamos em consideração aqui o nosso lugar enquanto negros na sociedade brasileira. Na cidade vista do lado de lá, a paisagem revela outros cenários diante das histórias e ideias que dizem ser sobre nós, papo de branco, que não condiz com a veracidade de nossas vivências enquanto sujeitos ativos desse processo de formação espacial e cultural. Essa estrutura racista a qual a sociedade branca se beneficia reflete diretamente em suas ações que moldam o espaço. Contudo, nós negros e negras também produzimos espaço e esse sistema desigual é o que nos faz perceber uma cidade diferente daquela que o discurso imposto “guelo” a baixo insiste em apagar, silenciar e esquecer tudo que se relaciona com a imagem e memória negra.

Assim, percebemos a continuação de um sistema de opressão racial, desde o 1.500, para beneficiar a um pensamento da branquitude por meio da patrimonialização e preservação de uma “memória coletiva”, é o que já tratamos aqui como colonialidade. Posto isso, percebemos que essas ideias e narrativas operam no planejamento do turismo e desenvolvimento do circuito histórico em Petrópolis, colocando em protagonismo os ideais brancos para os brancos.

Consequentemente, essas ideias em conjunto com a experiência de transar com uma paisagem de uma “cidade imperial”, de uma cidade “alemã”, nos possibilita compreender como essa narrativa é construída. Captada, vivenciada e experienciada confirmamos essa análise por meio das placas autoguiadas que erroneamente colocam a cultura negra como subalterna e empobrecida, reduzida apenas ao regime da escravidão na consolidação urbana e da história (DIAS, 2016; AQUINO, 2018).

No nosso imaginário, evoca-se heróis, reis, rainhas, príncipes e princesas, contudo todos brancos e com nomes bem definidos. Nós negros estamos sempre na





plateia, assistindo a trama como meros espectadores. Ou seja, espectador não pensa por si só, apenas capta a ideia pronta, o discurso pronto e sonha com o que historicamente lhes foram arrancados de atuar. Mas isso é o que eles dizem, é um relacionamento abusivo onde a “neguinha” ou o “neguinho” tem que calar.

Dessa forma, colocando os negros como meros espectadores de um show dos horrores de uma cidade embranquecida é a peça invetada no circuito histórico do turismo em Petrópolis. Pra ajudar a matutar o que estamos construindo aqui mapeamos palavras e interpretações das quatro placas autoguiadas selecionadas que ajudam na complementação da interpretação da paisagem no centro histórico.



Percebemos, dessa forma, como somos colocados à margem da história, das construções socioespaciais e socioculturais, ou seja, nem dentro dela conseguimos nos situar. E o barato disso é os brancos falando por nós, que pensa por nós e como imagina ser negro nesse espetáculo de país sem racismo (NASCIMENTO, 2006). É essa base que mantém uma estrutura que reforça e perpetua o racismo em nossa cultura e que muitas vezes passam despercebidas em nossas transas com o urbano (Quadro 1).



**Quadro 1** – Análise textual das placas autoguiadas no circuito histórico turístico do centro histórico que complementam a interpretação da paisagem de Petrópolis-RJ

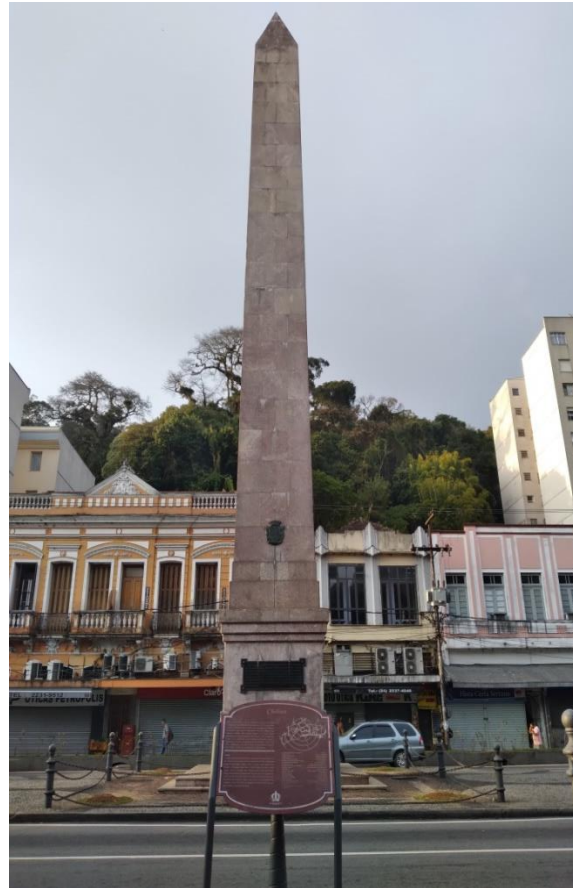
<b>Monumentos e espaços patrimonializados</b>	<b>Texto circunscrito na placa autoguiada do circuito histórico</b>	<b>Palavras- Chave</b>	<b>Percepção Paisagística</b>
<p>Obelisco</p> 	<p>Marco comemorativo do primeiro centenário de elevação de Petrópolis à categoria de cidade foi erguido em 29 de setembro de 1957. Sua construção no governo do prefeito Flávio Castrioto, é uma homenagem aos fundadores de Petrópolis: Dom Pedro II, Paulo Barbosa da Silva, Caldas Vianna, Aureliano Coutinho, Júlio Frederico Koeler e os colonos alemães que chegaram a Petrópolis a partir de 29 de junho de 1945. A inauguração contou com a presença do então presidente da República, Juscelino Kubitschek de Oliveira, e do governador do Rio de Janeiro, Miguel Couto Filho. O monumento mede 20m de altura, foi projetado pelo engenheiro Glasl Veiga e construído pelo engenheiro Elly Allen Rodrigues.</p>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Comemoração</li><li>- Homenagem</li><li>- Fundadores</li><li>- dom Pedro II</li><li>- Paulo Barbosa</li><li>- Caldas Vianna</li><li>- Aureliano Coutinho</li><li>- Júlio Koeler</li><li>- Colonos alemães</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Embranquecimento paisagístico por meio do enaltecimento de personagens emblemáticos brancos na consolidação da fundação da cidade.</li><li>- Dos citados nenhum é negro ou negra.</li><li>- Reforço do padrão hegemônico patriarcal.</li><li>- Reforço de um padrão “imperial” e de “cidade dos colonos alemães”.</li><li>- Reforço de impressão de que somente pelo padrão “imperial” e de cidade dos “colonos alemães” que Petrópolis se materializou no espaço e ao longo do tempo.</li></ul>
<p>Praça da Inconfidência</p> 	<p>O local, nos primórdios da povoação, era o fim da Av. do Imperador e demorou a ser urbanizada, e mesmo após ser denominada Praça do Córrego Seco e Praça Príncipe Grão Pará nos anos de 1860, pouco melhorou. Em 1876 ex-escravos ajudaram a construir na área a capela Nossa Senhora do Rosário. Na região, realizou-se uma grande festa na inauguração da Estrada de Ferro Príncipe Grão Pará, em 1883. Após a República já com o nome de Praça da Inconfidência, recebeu feiras livres, surgindo em seu entorno hotéis, um mercado e comércio variado. Em 1926, foi iniciada a construção da nova igreja do Rosário, término na década de 80. A praça foi renovada no final do século XX.</p>	<ul style="list-style-type: none"><li>-Atraso na urbanização</li><li>- Ex-escravos</li><li>- Igreja do Rosário</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Embranquecimento da interpretação paisagística.</li><li>- Ressalto de transições espaciais e desconsideração dos elementos culturais negros no espaço.</li><li>- Menção prejorativa ao utilizar o termo “ex-escravos” para mencionar homens negros e mulheres negras que foram escravizados.</li><li>- Descaracterização da toponímia da igreja que possui o nome original Igreja do Rosário dos Pretos.</li><li>- Descaso com a participação de homens negros e mulheres negras escravizados que não “ajudaram” na construção da igreja mas sim um esforço coletivo e participativo que possibilitou sua materialização.</li></ul>



<p>Igreja do Rosário</p> 	<p>A primitiva Capela de Nossa Senhora do Rosário foi inaugurada em 3 de maio de 1883, construída em parte com esmolas angariadas por antigos escravos. Em 1953, devido a ação do tempo na antiga capela, Monsenhor Gentil foi incumbido da construção da nova igreja e, para não interromper as atividades religiosas, a capela original foi mantida enquanto a nova era construída ao redor. Durante a construção, em 1956, surgiu ao ser cravada a primeira estaca da obra, uma fonte, que passou a ser denominada Fonte Nossa Senhora, situada na área da Escola Monsenhor Gentil, ao lado da Igreja. Foi inaugurada em 1958. Os sinos vieram da Catedral São Pedro de Alcântara.</p>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Primitiva</li><li>- Antigos Escravos</li><li>- Monsenhor Gentil</li><li>- Fonte</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Embranquecimento paisagístico ao deixar de destacar a importância da cultura negra e no esforço coletivo para construção do templo religioso.</li><li>- Palavra pejorativa ao remeter um símbolo cultural negro, a capela antiga, como primitiva.</li><li>- Nome pejorativo ao remeter homens negros e mulheres negras como “antigos escravos”. No tempo presente temos novas pessoas negras escravizadas?</li><li>- Foco na evolução espacial sem mencionar as contribuições culturais negras para o processo.</li><li>- Centralidade na figura de Monsenhor Gentil (homem branco) sem mencionar a devida importância e contribuição da comunidade negra na construção e edificação do templo religioso.</li><li>- Descaracterização do nome original da Igreja Nossa Senhora dos Pretos.</li></ul>
<p>Praça da Liberdade</p> 	<p>Largo antes denominado Dom Afonso, recebeu do botânico Auguste Glaziou o primeiro paisagismo em 1886. Em 1888 foi denominada Praça da Liberdade, devido a comícios realizados no local com a presença de abolicionistas renomados, José do Patrocínio e André Rebouças, e as reuniões promovidas por ex-escravos para arrecadar fundos destinados a comprar a liberdade dos companheiros ainda nas senzala. Remodelada em 1914 foi também chamada Praça Rui Barbosa e voltou a ser Praça da Liberdade. A reforma de 1964 manteve o coreto e a ponte de madeira. Em 2013 foi totalmente reformada pela prefeitura. É a maior praça do Centro Histórico e um dos principais pontos de lazer em Petrópolis.</p>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Praça da Liberdade</li><li>- José do Patrocínio</li><li>- André Rebouças</li><li>- Ex-escravos</li><li>- Praça Rui Barbosa</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Embranquecimento paisagístico do espaço pelas intervenções constantes em seu paisagismo.</li><li>- Utilização da palavra “reunião” descaracterizando o movimento político de resistência negra em pleno período em que a sociedade branca escravizava pessoas negras.</li><li>- Utilização pejorativa do termo ex-escravos para remeter a homens negros e mulheres negras escravizados.</li><li>- Descaracterização da toponímia da praça diversas vezes o que causa confusão na consulta de informação de turistas e moradores.</li><li>- Busto, estátua e placas que homenageam diversos homens brancos em um território negro coloca em descaso a importância cultural desse território para a comunidade negra local.</li></ul>



**Figura 3** – Interpretação paisagem – patrimônio – placas autoguiadas no centro histórico em Petrópolis



Fonte: Arquivo pessoal do autor, Julho/2021.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maior prisão que os colonizadores nos colocaram foi a de transformar nossas mentes em incapazes de questionar o mundo à nossa volta. Muitas vezes, impotentes de pensar por nós mesmos, reproduzimos nossas identidades a imagem do colonizador. Por isso, busquei nessa reflexão, partir de nossas experiências negras com o urbano, descolonizando escalas importantes na apreensão da paisagem e do espaço, pensar por nós mesmos. Assim, na elucidação dessa problemática que envolve a forma como o turismo em Petrópolis vem sendo executada, na relação paisagem-patrimônio-placas autoguiadas, nos permite revelar como uma extensão da colonialidade se perpetua no tempo presente em práticas racistas do nosso cotidiano.

Obviamente essas indagações são apenas um pequeno esboço do que a paisagem é capaz de nos despertar. As imagens que são vendidas no circuito histórico são distintas da realidade em que nós, negros e negras, vivenciamos. Se não reconhecemos o racismo em toda a sua complexidade, que envolve a trama desde a nossa interpretação de símbolos presentes na paisagem, patrimonialização, monumentos tombados e nas placas autoguiadas, estamos enaltecendo erroneamente figuras racistas da história.

Pensar em novas formas de se fazer turismo ao incorporar as mais diversas culturas nos projeta para as outras vivências, outras formas de ser e estar na cidade. Assim, podemos compreender o espaço urbano em sua complexidade de manifestações culturais. Desse modo, o turismo pode ser pensado para inserir esses parceiros em seus circuitos na forma de suas valorizações culturais, sendo uma alternativa de renda para classes sociais empobrecidas (MALTA, 2018).

É importante lembrar que a forma como nossa sociedade se organiza, bem como, o turismo vem sendo promovido é uma construção cultural. Evidentemente, da mesma forma que aprendemos a construir uma sociedade racista ao longo da história, que projeta a forma como vemos o mundo e vendemos as paisagens turísticas com os seus ideais colonialistas, podemos desconstruí-la e reconstruí-la na forma de abarcar toda a diversidade cultural em sua descolonização.

Cabe ressaltar ainda que, não se trata de invisibilizar a cultura branca, fazer isso é reproduzir a mesma retórica da colonização, mas sim, reconhecer o fato de que pessoas desse grupo cultural gozaram historicamente e ainda gozam de privilégios sobre





uma estrutura racial e reconhecer isso é o primeiro passo para uma mudança de fato. Em conclusão, reconhecimento histórico sobre a importância da cultura negra para identidade brasileira não é “tirar o privilégio” do branco nem tão pouco “tomar o seu lugar que lhe é por direito” como muitos afirmam por aí, mas agora, compactuar com isso no tempo presente é inadmissível.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda de. Cultura, paisagens e Patrimônio Cultural: reflexão desde o Brasil Central. **Espaço e Geografia (UnB)**, v.16, p. 417-441, 2013.

\_\_\_\_\_. Lugares Turísticos e a Falácia do Intercâmbio Cultural. In: ALMEIDA, Maria Geralda (org.). **Paradigmas do Turismo**. Goiânia: Alternativa, 2003.

AMBROZIO, Júlio César Gabrich. **O presente e o passado no processo urbano da cidade de Petrópolis (Uma História Territorial)**. 2008. 376f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

AQUINO, Renata. **Afroinscrições em Petrópolis: história, memória e territorialidades**. 2018. 155f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

BERQUE, Augustin. Paisagem-Marca, Paisagem Matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 1998.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (org.). **Geografia Cultural: um Século (3)**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

BUENO, Winne de Campos. **Processo de Resistência e Construção de Subjetividade no Pensamento Feminista Negro; uma possibilidade de leitura da obra Black Feminist Thought: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment(2002) a partir do conceito de imagens de controle**. 2019. 169f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo-Rio Grande do Sul, 2019.

CASTRO-GOMEZ, Santiago; GROSGOQUEL, Ramón. Prólogo. Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico. In: LANDER, Edgar (Coord.) **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 9-23. Disponível em: < [www.unsa.edu.ar/histocat/homoderna/grosfoguelcastrogomez.pdf](http://www.unsa.edu.ar/histocat/homoderna/grosfoguelcastrogomez.pdf) > Acesso em: 05 de abr. de 2021.

CORRÊA, Roberto Lobato. A dimensão cultural do espaço: alguns temas. **Espaço e Cultura**, n.1, p.1-22. 1995.



CHIZZOTTI, Antônio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. In: **Revista Portuguesa de Educação**. Universidade do Minho, Braga, Portugal, vol. 16, núm. 2, 2003, p. 221-236. ISSN 0871-9187. Disponível em <http://lorenzcolombiawww.redalyc.org/articulo.oa?id=37416210>: Acesso em: 15 dez. 2020.

DIAS, Paola Vanessa Gonçalves. **Do apagamento a fala publica: a memória negra em Petrópolis a partir da trajetória do Quilombo da Tapera**. 2016. 183f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Ciências Sociais hoje**, nº2. Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos. Brasília: CNPQ, Anpocs, 1983, p.223-244.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. Tradução de Inês Martins Ferreira. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra/POR, n.80, p. 115-147, mar. 2008. Disponível em < [Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global \(openedition.org\)](http://www.openedition.org) > Acesso em: 17 de mai. de 2021. DOI: <https://doi.org/10.4000/rccs.697>

HAESBAERT, Rogerio. Identidades Territoriais. In. CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org). **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Trad. de Laurent Leon Schaffer. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La memoire collective.

LACERDA, Maria de Oliveira. **Paisagem e Potencial Turístico no Vale do Jequitinhonha**. 2005. 173f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgar (Coord.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas**. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, set. 2005. p.107-130.

MALTA, Guilherme Augusto Pereira. **O turismo como projeto político e sua capacidade de indução ao desenvolvimento econômico: destinos indutores ou concentradores do desenvolvimento turístico regional em Minas Gerais?** 2018. 347f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

NASCIMENTO, Beatriz. Negro e Racismo. In: Alex Ratts. (org). **Eu sou atlântica, sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo, Imprensa Oficial, 2006.

SILVA, Tatiane Regina da. **Geografia e Pensamento Decolonial: um diálogo necessário**. 2020. 137f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia,



XIV ENCONTRO NACIONAL DE  
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM  
**GEOGRAFIA**  
5ª EDIÇÃO ONLINE

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

SIZZO, Iliá Alvarado; LÓPEZ, Álvaro López. Representaciones espaciales, patrimonio y turismo: apuntes teórico-metodológicos. In: **Turismo, patrimonio y representaciones espaciales**. PASOS, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, 2018. p. 27-52.